

---



---

# O AMIGO DAS LETRAS.

---



---

Dulcique animos novitate tenebo.

ORID. MET. IV.

---



---

DOMINGO 6 DE JUNHO DE 1830.

---



---

## OS GREGOS E OS ITALIANOS.

**A** Italia, para onde os esforços de Bocace e da Republica Florentina acabavão de transportar a litteratura Grega, era de toda a Europa o paiz mais proprio para fazer reviver a antiga Grecia. Aprouve á Natureza mimosear estas duas regiões com quasi iguaes dous. Em uma e outra multiplicou ella sitios pitorescos; em ambas amontoou rochedos magestozos, cavou risonhos valles, fabricou lindas cascatas, e ornou suas campinas, como para um dia de festa, de uma vegetação riquissima; e, em quanto os prodigios do seu vasto poder enriquecião á porfia a Italia e a Grecia, ella soube reparar com seus habitantes qualidades iguaes, se é que se pôde conhecer a fundo o character primitivo de um povo, depois de já o haverem alterado diversos governos successivos. As qualidades communs aos povos da Italia e da Grecia, as qualidades permanentes, cujo germen, resistindo sempre ás mudanças politicas, ainda hoje n'el-

les se encontra, são uma imaginação viva e brilhante, e uma sensibilidade prompta a excitar-se n'um instante, e n'um instante depois a reprimir-se: em fim, um gosto innato para todas as artes, com os órgãos próprios para apreciar, e reproduzir o que é bello em todos os generos. Nas festas dos camponezes, ainda hoje se encontram ómens em tudo semelhantes áquelles, cujos applausos animarão o genio de Phidias, de Miguel Angelo, ou de Raphael. Elles enfeitão o chapéu com odoríferas flores: o seu manto é tecido n'um gosto pitoresco, semelhante ao das antigas estatuas; a sua linguagem é figurada, e toda cheia de fogo; as suas feições exprimem todas as paixões, e elles, com effeito, são susceptiveis do mais extremo amor, assim como da colera mais vehemente. Para uma festa sagrada lhes parecer completa, é preciso que as faculdades moraes do ómem n'ella tenham uma parte: qualquer, é preciso que a igreja, em que se reunirem, esteja adornada com gosto, é preciso que uma musica harmoniosa lhes eleve a alma aos céos. Resentem-se seus divertimentos do mesmo caracter; o pouco do seu escasso jornal, que podem economisar, e subtrahir a necessidades menos urgentes, não é consagrado a bebidas espirituosas, nem a deshonestos e devassos prazeres; elles pagão esse *tributo* aos theatros, aos poetas improvisadores, e aos contadores de historias, que lhes excitão a imaginação, e lhes nutrem o espirito. E' hoje a Italia o unico paiz do mundo onde se vê o lavrador e o pastor levarem suas mulheres e seus filhos aos theatros; os lavradores e pastores Italianos são os unicos, n'esta classe, que entendem as tragedias, que lhes representão os heróes dos seculos passados, e as fabulas poeti-

cas, cujo conhecimento lhes não é absolutamente estranho.

SISMONDI. *Hist. das Repub. Ital. da Meia Idade.*



R I C A A \* \* \*

Fui ontem aos Invalidos; fôra eu príncipe, que antes quizéra ter feito este estabelecimento, do que ganhado tres batalhas. A cada passo n'elle se reconhece a mão do grande monarca. \* Creio que este é o lugar mais respeitavel, que há em toda a terra.

Que grandioso espectaculo não é o vêr reunidos no mesmo lugar todas estas victimas da patria, que só respirão para defendêlla, e que sentindo todas em si o mesmo animo, sem com tudo possuir a mesma força, não se queixão senão da impossibilidade, em que estão de tornar ainda uma vez a por ella sacrificarem-se!

Estes deveis guerreiros observão no seu retiro uma disciplina exacta e severa, tal e qual como se estivessem na presença do inimigo! Póde dar-se um espectaculo mais admiravel do que este? Elles buscão a sua ultima satisfação n'esta imagem da guerra, e repartem o coração e o espirito entre os deveres da religião e os da arte militar.

Eu quizéra que os nomes d'aquelles, que morrem

---

(\*) Luiz XV.

para patria fossem conservados nos templos, e escriptos em registos, que se tornassem, para assim dizer, a origem da gloria e da nobreza.

MONTESQUIEU. *Lettres Persanes.*



## ARTIGO COMMUNICADO.

### RASGO DE BENEFICENCIA.

A 27 de Abril de 1785 rompeo a chã do rio Oder quasi todos os diques, inundou todo o arrebalde de Libus, arrebatou mais de cincoenta cazas, e dous terços da grande parte de Francfort; n'este tempo, o duque Maximiliano Julio Leopoldo de Brunswick Luneburg, Marechal de Campo no serviço de S. M. Prussiana, deu uma prova gloriosa da sua heroica philantropia: desde manhã até ao meio dia esteve sempre occupado com os trabalhadores, que fazião os diques: a esta infausta hora uma pobre mulher, que se tinha esquecido de salvar suas crianças, precipitou-se a seus pés, pedindo a S. Alteza que dêsse ordem para que se salvassem seus filhos; movido o duque de compaixão, buscou elle mesmo um barco, e prometteo sommas consideraveis a quem tivesse animo de soccorrer estas crianças; porém, não se achando ninguem para esta empreza, resolveo-se o intrepido duque a embarcar sem demora com tres remadores: procurarão os espectadores d'esta acção heroica persuadillo a que se não expozesse; mas, este heroe hu-

mano lhes respondeo : “ Que sou eu mais do que  
 „ Vosso semelhante , e trata-se agora da vida humana. „  
 E logo se embarcou, e passou o rio para o arrebalde :  
 chegou o barco até á distancia de tres passos da ribei-  
 ra, onde esbarrou então em uma arvore, e a impetuosa  
 corrente voltou a embarcação: alguns minutos depois  
 appareceu o duque á superficie d'agua, segurando-se  
 por alguns momentos á dita arvore, até que a força  
 da agua o arrebátou; pouco tempo depois appareceu uma  
 mão sua, porém, logo se perdeu outra vez de vista; e  
 tal foi o triste fim do philantropico duque de Brunswick,  
 em idade de trinta e dous annos! — O mesmo duque  
 de Brunswick, sempre prompto a socorrer os necessita-  
 dos de todos os modos possiveis, tinha exposto tambem  
 a sua vida, poucos annos antes, a um incendio em  
 Francfort; e pedindo-lhe encarecidamente uma pessoa,  
 que S. Alteza estimava muito, que não se arriscasse tan-  
 to, elle lhe respondeo: “ Confio na Providencia Divina,  
 „ sou ómem, e é preciso socorrer os meus irmãos. „

*Chronick fur die Jugend. 1785.*



#### DA MODA.

Existe uma soberana, cujas ordens, por muito mo-  
 lestas que sejam, nunca experimentão opposição; ninguém  
 clama contra seus decretos; suas fantasias são leis, que  
 todos venerão, são seus caprichos outros tantos oracu-  
 los: ella muda a seu bel prazer os costumes, escarnece  
 a decencia, e constrange a severa razão a obedecer ao

estro da loucura. Ella determina o bem e o mal, cria e tira a reputação dos ómens, dá formosura ás feias, talento aos ineptos, e sciencia aos charlatães. Esta grande soberana do mundo, diz *Montaigne*, é a Moda.

Esta deosa é a constante, e o mais é quasi sempre victoriosa inimiga da razão. Esta diz aos ómens: *Fazei o que deveis fazer*; dá-lhes, pelo contrario, a Moda esta ordem formal: *Fazei o que os outros fazem*. Gra não é preciso provar que o preceito da Moda é o mais geralmente seguido.

Eu entro n'uma salla, e vejo varias senhoras notaveis pela sua belleza, decencia, e modestia, tristemente assentadas longe dos ómens, e quasi que por elles desprezadas. Ouço bulha n'um dos cantos da salla: olho, e vejo uma senhora vestida com mais luxo do que gosto; nada d'isso de extraordinario na sua figura, conhece-se que é todo artificial o rozado de suas faces; suas feições são demasiado miudas, destituidas de graça e dignidade; é aspera a sua voz, o seu olhar atrevido: mas está cercada de adoradores, que parecem não ter olhos e ouvidos senão para ella. “Que senhora é aquella,,” pergunto eu ao meu visinho? “E' M.<sup>me</sup> Dorlis,,” responde elle. “é uma mulher encantadora,,” — Mas, ella não é formosa. — De certo que não. — Nem mesmo muito linda. — E' verdade. — Então é espirituosa? — Nem por isso; mas, tem muita pratica do mundo, muita vivacidade. — Sem duvida é grande a copia de seus talentos? — Não. — Em que consiste, pois, o seu merecimento? — E' uma Senhora muito querida de todos, é uma mulher encantadora. Alguns dias depois, encontrei-me com varias d'aquellas bellezas, que eu via desprezadas

por todos, vestidas e penteadas como M.<sup>me</sup> Dorlis; pertendião ellas, imitando exactamente o seu modo de trajar, chamar a si todas as homenagens, que o objecto da sua inveja devia só á sua vivacidade, descaramento, affectação,

M.<sup>me</sup> T...., e M.<sup>me</sup> R...., na realidade seductoras, tanto por suas bellissimas maneiras e feições regulares, como pela alvura da pelle, e elegancia da figura, dá-lhes um dia para se vestirem á Grega, occultando-nos assim bem poucos dos seus encantos; eis que todos as seguem aos passeios públicos, nas sociedades todos lhes fazem róda, todos as applaudem nos theatros: a admiração, os transportes tocão seus limites. No dia seguinte não se vê na cidade senão mulheres umas altas e magras, outras baixas e gordas, estas amarellas, aquellas trigueiras, todas com o pescoço e os braços nus, e o seio á vista: nem uma d'ellas se importa com as gargalhadas, que lhe são nos ouvidos, nem attende á critica severa da gente sensata, e todas se julgão outras tantas Aspacias,

Todavia, é necessario convir em que a moda não foi sempre, e por toda a parte, tão extravagante. Pelo espaço de tres seculos, ella esteve em Sparta sujeita á razão e á virtude,

Plutarco conta que estava a moda da constancia de tal modo arreigada n'uma cidade da Syria, que passá-rão-se sete annos sem que uma só mulher commettesse infidelidade: Xenophonte attesta este facto.

Apezar de consagrar muito respeito ao author Grego,

go, não me resolvo a acreditar na sua anecdotia, em quanto em Paris eu não vir em voga uma moda igual a esta. Com tudo isso, não se devem perder as esperanças; talvez um dia vejamos sêr moda a *sabedoria, a modestia, a razão, e a fidelidade*: tudo depende das senhoras; nós somos sempre o que ellas querem que nós sejamos: falla com toda a razão *M. de Guilbert*, quando diz: *Os ómens fazem as leis, as senhoras fazem os costumes.*

O Conde DE SEGUR. *Gallerie Morale et Polit.*



### O CORTEZÃO.

Basta a simples palavra — *Côrte* —, para suscitar-vos as mais lisonjeiras idéas. Vós vo-la representais sob a imagem do templo da sensualidade, do orgulho, e da molleza, estas vantagens, porém, pintão melhor o mundo do que a *côrte*. Alli não se váe buscar prazeres, antes é preciso fugir ao enfado, que lá existe sempre; tambem se não váe buscar a distincção: o primitivo esplendor do throno alli offusca tudo o que é brilho emprestado; a magestade do amo atrahe a si só todos os olhos, todas as homenagens; os deoses do seculo alli são confundidos com a multidão servil, que em toda outra parte qualquer os incensa; ao entrar na *côrte*, elles depõem a sua grandeza e arrogancia, só tornão a ser grandes e soberbos, quando d'ella sahem. E haverá alguem que se lisonjêe de alli encontrar as doçuras e as commodidades da vida? Os habitantes d'esta morada já se dão por mui-

to satisfeitos de n'ella poder acampar debaixo de tendas: elles não conhecem nem o sono, nem a tranquillidade; sempre encommodados, sempre distraídos, sempre fóra de si mesmos, e arrastados por uma rapida corrente, elles não formão plano algum de vida, não sentem o menor prazer, e os divertimentos do príncipe servem de fadiga aos cortezãos. Não existirão a ambição e o interesse, que ás cortes dos reis não seriam tão frequentadas. Como estas paixões alli são excitadas pela grandeza das recompensas, e ao mesmo tempo reprimidas pela presença do soberano, e pela penetração dos concurrentes, também são por isso tanto mais vivas, e mais bem disfarçadas: assim, o que verdadeiramente caracteriza os cortezãos, o que n'uma mesma nação, d'elles faz uma nação á parte, diversa nos costumes, na linguagem, é a immoderada sêde do mando, e das riquezas; é a arte funesta, mas em que são muito eminentes, de estar perpetuamente enganando os outros; de se fingirem cuidadosos só de seus prazeres, em quanto na realidade todas as suas vistas tendem a fazer a sua fortuna; de transformar seus defeitos em virtudes, de prestar aos vícios as côres, que os adornão; de substituir á verdade e aos sentimentos, palavras artificiosas e simulados protestos; de pôr em pratica as subtilezas e os ardis da intriga; de affectar maneiras livres e naturaes, que só promettão candura e boa fé; de encobrir a afflicção e os pezares com um semblante risonho; de dar ao odio a máscara da civilidade, e de fazer mal debaixo de mão, affectando obsequiar ás claras. Elles abençoão sim, mas seus labios mentem, pois o coração tem sempre as maldições: se os fossemos a julgar pelo muito que se mostrão attentos, affaveis, e officiosos, diríamos que elles todos

compõem uma só familia com interesses inteiramente iguaes : porém, rasgai essa capa enganadora, e descobrireis n'estes falsos amigos, outros tantos invejosos, outros tantos rivaes, que não aspirão senão á sua mutua destruição.

*L'Abbé Poulle.*



ANECDOTA.

Luiz XIV, em quanto foi moço, gostava muito de vêr representar os melhores actores do reino, e na velhice deo-lhe para preferir um sermão a tudo o mais; e por isso, para melhor variar seus prazeres, ou antes distrahillo de seus cuidados, foi necessario chamar á côrte todos os prégadores da França. Mas, para se merecer aceitação, era preciso saber ser cortezão na cadeira da verdade, e tratar as cousas de certo modo, para não assustar a fraqueza do grande rei. Entre outros muitos motivos de zanga, nada lhe desagradava tanto como ouvir fallar na morte. Um frade cartuxo, que na provincia merecêra alguns elogios, teve ordem para prégar na presença de S. M. Chega o frade no dia marcado, quasi á hora da missa, e logo se apresenta ao esmoller-mór que já se impacientava de esperar. — Chegais um pouco tarde, meu padre, não nos resta sequer um momento para examinar-mos o vosso sermão. Mas, estou certo que haveis de prégar bem, e conto que na presença do rei não commettereis a imprudencia de reôrter a imagens, que o affligem; sobre tudo, deveis abster-vos de tratar

da morte ; é uma palavra esta , que já ninguém pronuncia á vista d'elle. — Mas , o meu sermão versa todo sobre a morte ! — Então é preciso substituílo por outro : vamos , depressa , depressa ! Isso é impossivel ; eu só sei este , e é justamente de todos o melhor. Com tudo . . . . sim , eu cá me arranjarei , e até penso que em vez de affligir a S. M. , lhe hei de agradar summamente. Ião ambos conversando n'estes termos , até que chegarão á capella. O frade sóbe ao pulpito ; “ Meus irmãos , ,, diz elle com uma voz de trovão , “ nós todos havemos de morrer ! ,, Depois , voltando-se para o rei , em tom mais brando : “ *Sim, Senhor, quasi todos.* ”



#### MAXIMAS E PENSAMENTOS.

Uma mulher , que reúne á formosura as qualidades de um ómeme de bem , torna-se o ente mais apreciavel do universo ; pois que n'ella se encontra o merecimento de ambos os sexos.

*Mr. De La Bruyère.*



Chama-se inscontante á mulher , que deixou de amar ; leviana áquella , que ama dous ómens ao mesmo tempo ; volúvel áquella , que não sabe se ama , nem a quem ama ; e indifferente áquella , que não ama pessoa alguma.

*O Mesmo.*



Guardai silencio, sempre que duvideis do vosso sentimento; e fallai, ainda que certos, mostrando desconfiança. Conhecemos alguns presumidos, e teimosos, que se alguma vez errão, continuão sempre no mesmo; vós, porém, confessai com prazer os erros passados, e fazei cada dia uma critica ao que precedeo.

Não basta que o vosso conselho seja sempre verdadeiro: as verdades grosseiras offendem mais que as mentiras artificiosas. Devemos ensinar os ómens, sem mostrar que os ensinamos; e propor-lhes o que ignorão, como se lhes tivesse esquecido. Sem boa educação, não é bem aceita a verdade: porque só ella pôde fazer que o talento superior se estime.

Não sejais mesquinho do vosso conselho por pretexto algum; porque o peor avarento é o que não reparte as suas luzes. Por uma vil complacencia não deveis trahir o vosso crédito, nem sejais tão civil, que passeis por injusto. Não receeis excitar a cólera dos sabios; os que merecem louvor, soffrem de melhor vontade a reprehensão.

ALEX. POPE. *Ensaio sobre o O'mem*; Traducção do CONDE DE AGUIAR.

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FABOL PAULISTANO.